

# CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS FALADO NO CARIRI CEARENSE

Maria Vanderlúcia Sousa Tabosa

**RESUMO:** Acerca da temática desta apresentação – concordância nominal de número sob uma perspectiva variacionista – diversos trabalhos já foram concluídos sobre o falar de várias regiões do Brasil. Mas, sob o arcabouço da Teoria da Variação e Mudança Linguística destacamos como uma importante referência os estudos de Scherre (1978, 1988). No entanto, as análises não se apresentam de forma acabadas, assim, este trabalho tem por objetivo analisar e descrever a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal, no falar do Cariri cearense. O estudo foi analisado com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) que concebe a língua heterogênea, dinâmica e passível de mudanças decorrentes não só por fatores linguísticos, mas também fatores extralinguísticos e tem por objetivo principal analisar e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Cientes que a heterogeneidade da língua se manifesta de forma ordenada e não livre, verificamos se os fatores linguísticos: posição da classe gramatical em relação ao núcleo e itens lexicais com saliência fônica; e os extralinguísticos: escolaridade e sexo favorecem ou não a marcação de plural dos falantes do Cariri cearense. Para tanto utilizamos o corpus do Projeto PROFALA – coordenado pelas professoras Maria Elias Soares e Maria do Socorro Aragão, ora em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Os dados foram extraídos das entrevistas realizadas com 20 informantes – 10 mulheres e 10 homens que compõem a amostra em estudo. Os dados foram submetidos ao programa GOLDVARB 2001- é uma versão para ambiente Windows do pacote programa VarbRul. Os resultados indicam que os fatores: posição anteposta ao núcleo do SN e o nível crescente de escolaridade favoreceram de forma positiva o uso de concordância nominal de acordo com a norma culta do português brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística. Concordância nominal. Variação linguística.

## 1. Introdução

“[...] *as coisa era muito difícil*”, “*quato real a caixa*”, “[...] *ái as pulícia prenderam ele*”. Não é raro ouvirmos (até mesmo em um contexto mais informal - situação distensa, em que o falante não se preocupa em *como* falar) - ou falarmos dessa forma sem nos atermos ao emprego da concordância nominal, conforme o prescrito na gramática tradicional. Diante disso, quais fatores motivam o falante da Região do Cariri cearense ao fazer uso de uma variante X, Y ou Z? Iniciamos com esse questionamento uma justificativa para a realização desta pesquisa.

Segundo SCHERRE (2008), o uso mais frequente de construções sem concordância leva a determinadas observações: fulano não sabe falar português,

empobrece a língua portuguesa, entre outras. Pressupõe-se que falar português sem concordância de número é não “saber falar” a Língua Portuguesa, ideia bastante generalizada. Isto se deve ao fato de termos, como pressuposto, de falar ou escrever corretamente, seguir as regras prescritas na Gramática Tradicional. Muito têm contribuído os estudos em Sociolinguística para desmistificar esse comportamento.

A Sociolinguística, uma das subáreas da Linguística, estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala. Seu objeto de estudo é o vernáculo – língua falada – passível de ser descrita e analisada cientificamente. Segundo Mollica (2003), a Sociolinguística considera, em especial, como objeto de estudo, exatamente a variação linguística. Contrária ao estruturalismo, a língua possui um caráter heterogêneo; tem função social comunicativa e é fator importante na identificação dos grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. Sob essa perspectiva, o presente trabalho fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), que concebe a língua heterogênea, dinâmica e passível de mudanças decorrentes não só por fatores linguísticos, mas também fatores extralinguísticos e tem por objetivo principal analisar e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Cientes que a heterogeneidade da língua se manifesta de forma ordenada e não livre esse estudo tem por objetivo: a) identificar se os grupos de fatores linguísticos: posição da classe gramatical em relação ao núcleo; classe gramatical do sintagma e itens lexicais com saliência fônica favorecem ou não a marcação de plural dos falantes do Cariri cearense, numa perspectiva da Variação Linguística e Mudança; b) analisar, sob uma visão da Variação Linguística e da Mudança, as possíveis relações entre o uso das variantes de concordância nominal de número, na fala do Cariri cearense, com fatores extralinguísticos, sexo e nível de escolaridade. O material linguístico a ser analisado será extraído do banco de dados do PROFALA<sup>129</sup>, provenientes das entrevistas realizadas com os informantes presentes no *corpus* da Região do Cariri cearense<sup>130</sup>. O *corpus* do Projeto PROFALA foi coletado em cidades da Região do Cariri, especialmente Barbalha, Nova Olinda, Juazeiro, Várzea Alegre, Altaneira, Mauriti, Caririaçu e Brejo Santo. O material está em forma de entrevistas com 190 falantes e composto no total de 85 horas de fala. A estratificação será - 20 informantes distribuídos nos seguintes grupos, apresentados na Tabela 1.

### Tabela 1 - Informantes

<sup>129</sup> O Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações – PROFALA – é coordenado pelas Professoras Maria Elias Soares e Maria do Socorro Aragão, ora em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Teleinformática, também da UFC. O Grupo tem por objetivo geral a implantação de um sistema baseado em tecnologia da informação para análises e aplicações à língua falada ao discurso.

<sup>130</sup> A Região Metropolitana do Cariri cearense possui nove municípios, 5 460 km<sup>2</sup>; de acordo com o IBGE 2013, a população da Região é de 586.010 habitantes e tem como área de influência a região da divisa entre o Ceará e os Estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí.

<b>Sexo</b>	10 homens
	10 mulheres
<b>Escolarização</b>	1 a 4 anos de escolarização – 10 informantes
	9 a 11 anos de escolarização – 10 informantes

Os 2.709 dados coletados foram submetidos ao programa GOLDVARB 2001, uma versão para ambiente Windows do pacote programa VarbRul – do inglês *Variable Rules Analysis* – e constitui-se “um conjunto de programas computacionais, análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variações sociolinguísticas” ( GUY; ZILLES, 2007, p.105).

A organização do artigo está estruturada em quatro partes. Na primeira parte, apresentam-se as concepções teóricas sobre os postulados labovianos, que subsidiarão a análise. Ainda nessa parte será feito um breve apanhado de estudos sobre concordância de número entre os elementos do sintagma nominal; na segunda parte descrevemos os procedimentos metodológicos necessários para o desenvolvimento da pesquisa; na terceira parte, será apresentada a análise dos dados; por fim, na quarta parte as considerações finais desse estudo.

## 2. Pressupostos teórico-metodológicos

Surge, na década de setenta, a Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Quantitativa, desenvolvida por William Labov, Uriel Weinreich, e Marvin Herzog e que tem por objeto de estudo a língua falada – o vernáculo. De acordo com Tarallo, a língua falada a que nos referimos é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face (2007, p. 19). Essa teoria contraria muito a forma como Saussure e Chomsky concebem a *língua*. Para Saussure, a língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação (2001, p. 22). Ele prioriza a língua não a fala, e a concebe de forma homogênea, encontrada na consciência do falante. Para Chomsky, o objeto dos estudos linguísticos é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea (TARALLO, 2007. p. 6). Tanto Saussure quanto Chomsky não consideram a heterogeneidade da língua.

Nessa concepção de língua heterogênea, não podemos deixar de dedicar uma atenção maior ao conceito de variação. Alguns teóricos – Bloomfield, Chomsky – entendem a variação como um acidente e não como uma característica inerente, essencial às línguas e passível às variáveis linguísticas e extralinguística - já que não se pode compreender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem considerar a vida social da comunidade. Postura essa que contraria uma perspectiva variacionista, na qual parte do princípio que em toda comunidade de fala são frequentes as formas



linguísticas em *variação* e essas formas em *variação* dá-se o nome de *variantes linguísticas*. Tarallo (2007, p.8), apresenta o seguinte exemplo: No português falado no Brasil a marcação de plural no sintagma nominal encontra-se em estado de variação. Temos então um exemplo de variável linguística. A essa variável correspondem duas variantes linguísticas: a presença do segmento fônico /s/, e a variante, ausência desse segmento, a forma “zero”. Lembramos que as variantes de fala estão sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadoras vs. inovadoras; estigmatizadas vs. de prestígio.

Ainda sobre *variação*, não podemos deixar de ressaltar que toda variabilidade na estrutura linguística envolve mudança, mas nem toda mudança envolve, obrigatoriamente, variabilidade.

Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006, p.121), apresentam os princípios empíricos para a Teoria da Mudança Linguística: O problema dos fatores condicionantes são eles: *o problema da transição, o problema do encaixamento, o problema da avaliação e o problema da implementação*. Acrescentam também que, uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Essa generalização não ocorre de forma abrupta e, ao finalizar, novos grupos entram na comunidade de fala. Por fim uma das mudanças secundárias se torna primária.

Especificamente ao uso de concordância nominal de número, observa-se o que rege a Gramática Tradicional. Em português a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e à pessoa da palavra determinada. Essa concordância pode ser verbal ou nominal. A concordância nominal é a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem (BECHARA, 2001). Definição semelhante a essa, além de uma série de normas específicas de uso, encontramos em diversos compêndios escolares: Abaurre, 2006; Pasquale & Ulisses, 2008; Cereja, 2009; Paschoalin & Spadoto, 2012, e outros.

No tocante à concordância nominal entre os elementos do sintagma nominal de número, BORTONI-RICARDO (2004), comenta que, nos sintagmas nominais, há uma tendência, no português brasileiro, a não se fazer a concordância nominal. De acordo com pesquisas sobre essa variável, a regra de concordância nominal, prevista nas gramáticas normativas, atualmente se aplica somente em estilos muito monitorados e na língua escrita, muito formal.

Com relação ao papel da escola, quanto à função de ensinar o uso de concordância nominal, podemos dizer que os conhecimentos programáticos postos sobre concordância, no âmbito escolar são determinados por *normas* legitimadas numa concepção de língua imutável e homogênea. Mas as variantes violam essas regras de normatização, visto que as condições de surgimento das diferentes formas de dizer algo com o mesmo valor de verdade não estão sujeitas ao acaso, nem ao livre arbítrio do falante. Segundo Mollica (2003), todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se, assim, maneiras de se dizer a mesma coisa que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do



vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.

Acerca da temática dessa pesquisa – concordância de número entre os elementos do sintagma nominal – diversos trabalhos já foram concluídos, de modo que podemos ter acesso a um número considerável de análise de dados.

Analisando dados de sete falantes residentes no Rio de Janeiro, de classe social e espaço geográfico diferente, Braga & Scherre apresentaram os primeiros estudos sobre a variação de concordância nominal no Brasil. Em seguida, Braga (1976), com base em dados de sete falantes de classe média e baixa do Triângulo Mineiro, desenvolveu sua dissertação de mestrado. Do mesmo modo, Scherre (1978), em sua dissertação de mestrado, analisou dados de dez falantes da área urbana do Rio de Janeiro. Ponte (1979) estudou dados de vinte falantes semianalfabetos de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e Nina (1980) trabalhou com dados de vinte falantes analfabetos da microrregião Bragantina, Pará. Guy (1981) analisou a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal com dados do projeto Competências Básicas do Português. Em 1988, Scherre desenvolveu sua tese de doutorado intitulada *Reanálise da Concordância Nominal em Português*. Essa obra é uma das referências mais importantes de pesquisa de variação linguística em concordância nominal de número no Brasil, citada pela maioria dos trabalhos nessa temática. Nessa pesquisa, com relação à saliência fônica, Scherre conclui que o plural duplo (porco/porcos) é o que mais favorece a aplicação da regra, e o plural regular (lua/luas), o que menos a favorece. Nos itens “ão” (caminhão/caminhões), excetuando-se os regulares (irmão/irmãos), apresentam-se as mais baixas probabilidades de aplicação da regra. Quanto à posição dos itens no sintagma nominal, Scherre verifica que, para todas as classes gramaticais, é a primeira posição que mais favorece o índice de marcas formais de concordância.

Em 1997, Carvalho, em sua dissertação de mestrado intitulada *Concordância Nominal: uma análise variacionista*, apresenta uma análise quantitativa do fenômeno da regra variável da concordância nominal de número no sintagma nominal e faz uma descrição da variável índice de pluralidade no SN, considerando as variantes [s] e [o], que indicam, respectivamente, presença e ausência de marca formal de plural. Lopes (2001) em sua tese de doutorado – *Concordância Nominal, Contexto Linguístico e Sociedade* – analisa a concordância de número no sintagma nominal nas falas popular e culta atuais de Salvador, em quatro diferentes faixas etárias, três graus de escolarização, nos dois gêneros, e em dois diferentes grupos de etnia. Em *Rupturas e Contínuos da Concordância de Número em Textos Oraís de Informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*, dissertação de mestrado, Andrade (2003), tem por foco principal verificar as similaridades e diferenças no comportamento do fenômeno de concordância nominal de número nessas duas cidades da região Sul do Brasil. Schneider (2012) apresenta *Concordância Nominal na fala de crianças de 3 a 6 anos de idade do município de Novo Hamburgo: variação linguística na infância*. Trata-se de uma pesquisa Sociolinguística integrada com estudos da Aquisição da Linguagem. Já *Variação na Concordância Nominal de Número na Fala dos Habitantes do Alto Solimões (Amazonas)* é o título da tese de doutorado de Martins (2013). A pesquisa investiga o

fenômeno da concordância nominal de número no falar dos habitantes do Alto Solimões.

Quanto à metodologia, no tocante às variáveis, consideramos: Variável dependente - concordância de número; Variáveis independentes: linguísticas( posição da classe gramatical em relação ao núcleo, classe gramatical do sintagma); Variáveis extralinguísticas: escolaridade e sexo. Quanto ao princípio de saliência fônica, de acordo com Scherre (1988), este princípio consiste em estabelecer que as formas mais salientes e, por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes. Scherre analisa três dimensões do eixo da saliência fônica: 1) processos morfofonológicos de formação de plural. 2) tonicidade de sílaba dos itens lexicais singulares. 3) número de sílabas dos itens lexicais singulares. Na pesquisa em questão, monitorou-se apenas a primeira dimensão.

### 3. Análise dos Dados

**Tabela 2 - Posição Da Classe Gramatical Em Relação Ao Núcleo**

Fatores	Aplicação	Percentual	Aplicação	Percentual	Total	
	Total 1		Total 0			
<b>a</b>	1060	91,8	95	8,2	1155	42,6
<b>e</b>	704	69,1	315	30,9	1019	37,6
<b>d</b>	50	98,0	1	2,0	51	1,9
<b>h</b>	98	50,8	95	49,2	193	7,1
<b>b</b>	111	82,2	24	17,8	135	5,0
<b>f</b>	97	75,2	32	24,8	129	4,8
<b>i</b>	9	64,3	5	35,7	14	0,5
<b>c</b>	3	37,5	5	62,5	8	0,3
<b>g</b>	3	60,0	2	40,0	5	0,2
<b>Total</b>	2135	78,8	574	21,2	2709	

**Legenda:** **a** - 1ª posição anteposta ao núcleo; **b** - 2ª posição anteposta ao núcleo; **c** - 3ª posição anteposta ao núcleo; **d** - núcleo na 1ª posição; **e** - núcleo na 2ª posição; **f** - núcleo na 3ª posição; **g** - núcleo na quarta posição; **h** - 1ª posição posposta ao núcleo; **i** - 2ª posição posposta ao núcleo; **j** - 3ª posição posposta ao núcleo.

A primeira posição anteposta ao núcleo (**a**) apresenta uma marcação significativa, visto que tanto o percentual 91,8% quanto a quantidade de dados encontrados também foram altos. Seguida pelo (**e**) núcleo na segunda posição. E mesmo apresentando um percentual alto (82,2%) a segunda posição anteposta ao núcleo (**b**) não obteve grande ocorrências, ocorrendo também com o núcleo na primeira posição (**d**) 98%. Quanto aos casos de não marcação na primeira posição, o fato de ser uma busca por ter ou não marcação de número alguns numerais foram contabilizados no quantitativo 95.



**Tabela 3 - Classe Gramatical do Sintagma**

Fatores	Aplicação	Percentual	Aplicação	Percentual	Total	
	Total (1)		Total (0)			
<b>t</b>	602	97,3	17	2,7	619	22,8
<b>s</b>	852	70,9	349	29,1	1201	44,3
<b>v</b>	108	72,0	42	28,0	150	5,5
<b>p</b>	437	95,2	22	4,8	459	16,9
<b>r</b>	105	54,1	89	45,6	194	7,2
<b>l</b>	16	66,7	8	33,3	24	0,9
<b>x</b>	15	24,2	47	75,8	62	2,3
<b>Total</b>	2135	78,8	574	21,2	2709	

**Legenda:** **t** - artigo; **s** - substantivo; **v** - adjetivo; **p** - pronome; **r** - numeral; **l** - advérbio; **x** - locução adjetiva.

O adjetivo(v), artigo(t) e o pronome (p) são as classes gramaticais que lideram a marcação de número plural. Devemos ressaltar que se faz necessário o cruzamento da classe gramatical e a posição em relação ao núcleo do sintagma, só teríamos resultados mais adequados.

**Tabela 4 - Saliência Fônica**

Fatores	Aplicação	Percentual	Aplicação	Percentual	Total	
	Total 1		Total 0			
<b>W</b>	1995	79,0	531	21,0	2526	93,2
<b>K</b>	47	83,9	9	16,1	56	2,1
<b>O</b>	25	80,6	6	19,4	31	1,1
<b>M</b>	19	82,6	4	17,4	23	0,8
<b>N</b>	37	86,0	6	14,0	43	1,6
<b>U</b>	122	40,0	18	60,0	30	1,1
<b>Total</b>	2135	78,8	574	21,2	2709	

**Legenda:** **m** - plural duplo; inserção de -s e abertura vocálica ou plural metafônico; **n** - inserção de -s e mudança silábica; **o** - itens terminados em ão: seleção/seleções; **k** - inserção de -es em palavras em -r. flor/flores; **u** - inserção de -es em palavras que terminam em -s. mês/meses; **w** - inserção de -es em palavras de plural regular livro/livros.

Há uma perceptível marcação no uso de plural duplo ; inserção de -s e abertura vocálica ou plural metafônico, seguida por inserção de -es em palavras em -r. flor/flores e- plural duplo ; inserção de -s e abertura vocálica ou plural metafônico.



Tabela 5 – Sexo						
Fatores	Aplicação Total 1	Percentual	Aplicação Total 0	Percentual	Total	
2	1108	76,9	332	23,1	1440	53,2
3	1027	80,9	242	19,1	1269	46,8
<b>Total</b>	2135	78,8	574	21,2	2709	

Homens e mulheres estão com percentuais muito próximos. No entanto, a pequena diferença posicionando as mulheres com maior percentual ratificam estudos em que se afirma ser o gênero feminino a fazer mais uso da variação padrão ou variantes inovadoras não estigmatizadas.

Tabela 6 – Escolaridade						
Fatores	Aplicação Total 1	Percentual	Aplicação Total 0	Percentual	Total	
5	1241	88,7	158	11,3	1399	51,6
4	849	68,2	416	31,8	1310	48,4
<b>Total</b>	2135	78,8	574	21,5	2709	

É sabido que os conteúdos programáticos sobre regras de concordância nominal são elencados em várias etapas do ensino básico. Portanto, o nível de escolaridade atua diretamente no uso da concordância nominal de número. Assim, quanto maior o nível de escolaridade, maior o emprego da regra de concordância nominal de número pelo falante do Cariri cearense. A afirmativa apresenta-se comprovada na Tabela 5. Uma diferença de 20%. Mesmo assim, devemos ressaltar que o grupo 5 representa 9 a 11 anos de estudo e o 4 representa 1 a 4. São níveis extremos.

#### 4. Considerações Finais

Atualmente, diversos estudos sociolinguísticos têm discutido a variação linguística de comunidades de fala. De um modo geral, a literatura oferece-nos uma gama de estudos que comprovam a interferência de fatores linguísticos e extralinguísticos no domínio ou abandono de certas variantes.

Essa pesquisa se enquadra num panorama de pesquisas a respeito da concordância nominal de número, especificamente no falar da Região do Cariri cearense. E a análise atomística dos 2709 dados, coletados do banco de dados do PROFALA, considerou grupo de fatores extralinguísticos: sexo e escolaridade e fatores linguísticos, a saber: Posição da classe gramatical em relação ao núcleo e classe gramatical do sintagma, além do Princípio de saliência fônica.



O resultado da análise revelou que os falantes da Região do Cariri cearense participantes da pesquisa, apresentam forte marcação de número plural na primeira posição anteposta ao núcleo e núcleo na segunda posição. Favorecem a marcação de plural as seguintes classes gramaticais: adjetivo, artigo e pronome.

Quanto aos fatores extralinguísticos percebemos uma relação diretamente proporcional entre o nível de escolaridade e a marcação de número plural. Ocorrência semelhante encontramos no falar das mulheres.

Sobre o princípio da saliência fônica há uma perceptível marcação no uso de plural duplo; inserção de –s e abertura vocálica ou plural metafônico, seguida por inserção de –es em palavras em –r. flor/flores e– plural duplo ; inserção de –s e abertura vocálica ou plural metafônico

Os trabalhos que foram mencionados no decorrer da pesquisa contribuíram de maneira essencial com a fundamentação teórica de nossa pesquisa. Não é nossa proposta modificar ou substituir o já dito, mas complementar com o não dito. Há muito que se fazer, pois ainda existem localidades no Brasil que precisam ser investigadas. Esperamos com nossa pesquisa ter contribuído com os estudos de descrição do uso das variantes de concordância nominal de número do Português brasileiro.

## Referências

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. *Gramática: Texto: análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006.

ANDRADE, Leila Minatti. *Rupturas e contínuos de concordância nominal de número em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina. 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRAGA, Maria Luiza; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro*. In: *Encontro Nacional de Linguística, Anais*. Rio de Janeiro: PUC, 1976.

\_\_\_\_\_. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1977.

CARVALHO, Hebe Macedo de. *Concordância Nominal: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras). João Pessoa: UFPB, 1997.

CEREJA, William Roberto; COCHAR, Thereza. *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação*. 3<sup>a</sup> ed. Reform. São Paulo: Atual, 2009.



CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

GUY, R. Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: 2007.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEMLE, Miriam; NARO; Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa. Apresentado às instituições patrocinadoras. Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford, Rio: 1977.

LOPES, Norma da Silva. *Concordância Nominal, Contexto Linguístico e Sociedade*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, 2001.

MARISA, Fernandes. *Concordância nominal na Região Sul*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

MARTINS, Flávia Santos. *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L.(orgs.). *Introdução à Sociolinguística o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NINA, T. de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na microrregião de Bragantina*. Dissertação (Mestrado em Linguística). PUC, Rio Grande do Sul, 1980.

PASQUALE; ULISSES. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição A. de, e DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: A herança de um programa na Sociolinguística brasileira. IN: WEINREICH; LABOV; HERZOG. *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 11ª ed, São Paulo: Cultrix, 2001

SCHERRE, M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ. 1988.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

---